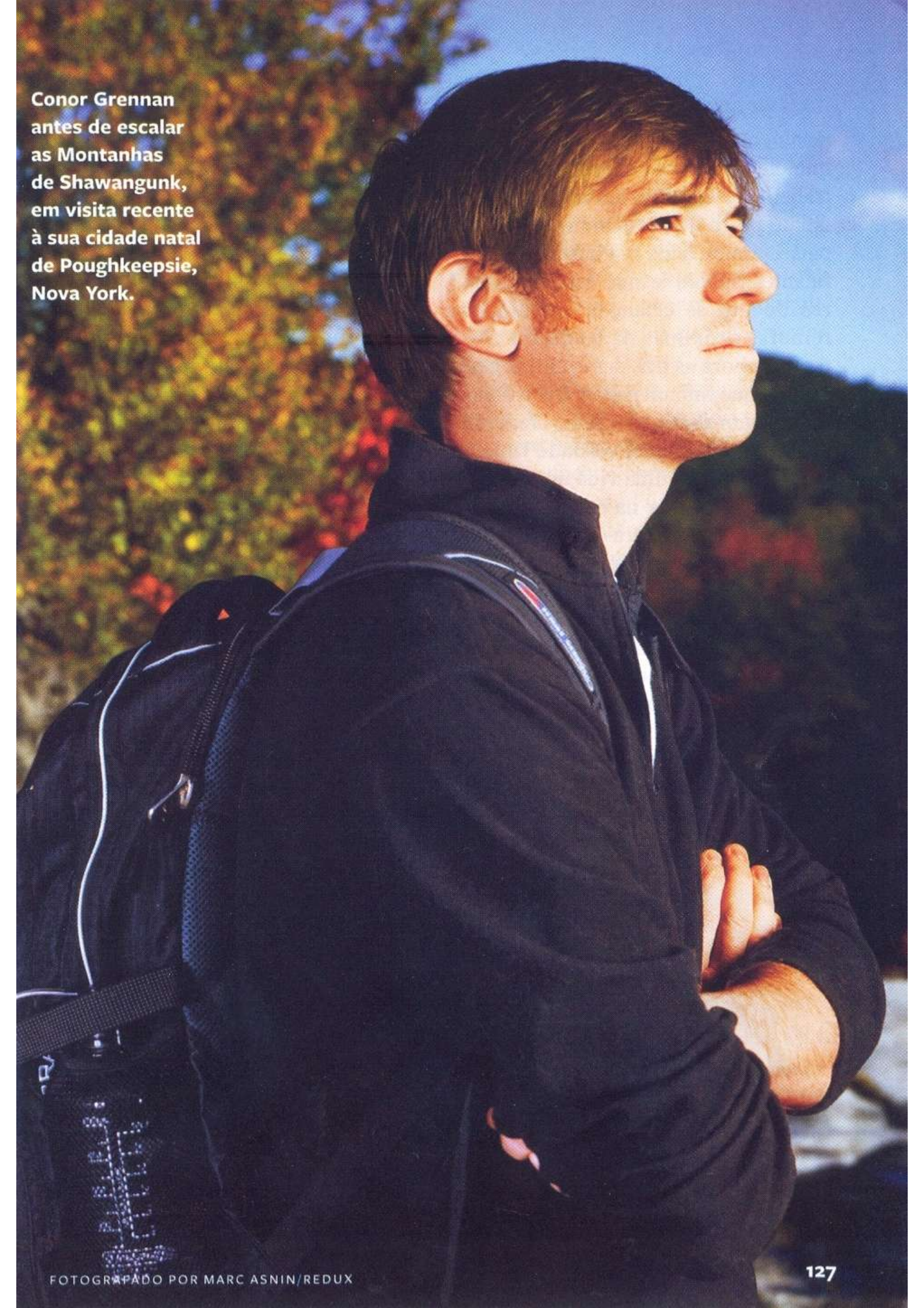


Abrir um orfanato foi a parte fácil. Caminhar pelo Himalaia procurando as famílias de 24 “crianças perdidas” seria o seu maior desafio.

POR TAMARA JONES

PROCURA

Conor Grennan se arrastava pela parede de um penhasco, o facho amarelo da lanterna de cabeça como única luz a perfurar a negra noite himalaica. Ele conseguia ouvir o barulho do rio lá embaixo e sabia que um passo em falso o faria cair da trilha estreita. O joelho pulsava de dor, mas ele continuava. Nas aldeias remotas das montanhas do Nepal, até os nativos evitam andar à noite. Advertiram o americano de 32 anos de que era perigoso demais. Mas Grennan ofereceu pagar o dobro a dois carregadores e insistiu que não tinha escolha. Não era uma aventura. Era uma missão.

A full-page photograph of a man, Conor Grennan, in profile, looking towards the right. He has dark hair and is wearing a dark jacket. A large black backpack is on his back, with a water bottle visible in a side pocket. His arms are crossed. The background shows trees with autumn foliage in shades of yellow and orange, and a clear blue sky. The lighting is warm, suggesting late afternoon or early morning.

Conor Grennan
antes de escalar
as Montanhas
de Shawangunk,
em visita recente
à sua cidade natal
de Poughkeepsie,
Nova York.

Na mochila de Grennan havia uma pasta com fotografias de 24 crianças que ele passara a amar depois de ter trabalhado como voluntário num orfanato perto de Katmandu, capital do país. Durante anos de guerra civil, traficantes tinham levado essas e milhares de outras crianças das aldeias remotas próximas da fronteira tibetana. Embora os pais das crianças pensassem que tinham pago para os filhos se salvarem da conscrição no crescente exército rebelde, na verdade tinham condenado-os a uma vida de trabalho duro ou coisa pior na capital do país. Seu sofrimento levava Grennan a tentar algo inédito: reunir crianças e pais.

Foi por isso que ele passou três semanas caminhando de aldeia em aldeia em Humla, pouco antes das neves do inverno. Quando a neve começasse a cair, a única pista de pouso da região fecharia e Grennan ficaria preso durante meses naquelas montanhas implacáveis, dependendo da caridade de pessoas paupérrimas. A caminhada até

a pista de pouso costumava levar cinco dias para caminhantes experientes. Ele só tinha dois dias para chegar lá.

Faminto e sentindo dor, continuou andando na escuridão. “Não vamos parar”, disse aos carregadores quando tentaram descansar. Conseguia ouvir os homens cochichando atrás dele. Isso o deixava nervoso. De repente, percebeu que a noite ficara terrivelmente silenciosa. Os carregadores teriam fugido? O pânico tomou conta. *Estou perdido aqui, pensou. Se me roubarem e me deixarem à própria sorte, ninguém jamais saberá.*

O Nepal deveria ser uma aventura divertida, a primeira parada da volta ao mundo com que Grennan passara anos sonhando. Filho de um poeta irlandês e uma professora americana, crescera em Poughkeepsie, Estado de Nova York, e se formara em Ciência Política na Universidade da Virgínia. Depois de trabalhar quase uma década em entidades internacionais sem fins lucrativos, estava ansioso para trocar a pasta

A missão de Grennan o levaria de Katmandu, a capital, até os mais remotos vilarejos na região de Humla.



pela mochila. Ele achou que fazer algum trabalho voluntário pelo caminho enriqueceria a viagem, e um orfanato administrado por franceses, logo ao sul de Katmandu, aceitara o oferecimento de ajuda. “Imaginei que pudesse fazer o bem e depois ir embora me divertir”, diz ele. Isso foi antes de conhecer os jovens moradores do Lar Infantil Pequenos Príncipes.

Quando Grennan chegou, em novembro de 2004, a guerra civil fervia no Nepal havia oito anos. As histórias tristes dos abrigados no Pequenos Príncipes eram só uma fração do sofrimento das estimadas 30 mil “crianças perdidas” do Nepal. Depois de garantir aos pais que o dinheiro deles seria usado para pagar a escola em Katmandu, os traficantes largavam as crianças nas ruas para se virarem sozinhas, punham-nas para trabalhar de graça ou as vendiam como escravas. Algumas meninas foram contrabandeadas pela fronteira para serem escravas sexuais na Índia. As 18 crianças que cercaram Grennan em seu primeiro dia e o saudaram como “irmão Conor” estavam entre as mais sortudas – os traficantes tinham concordado em entregá-las ao orfanato.

O rapaz que “nunca ficara muito tempo perto de crianças” logo dedicava as horas em que estava acordado aos pequenos, que adoravam gritar-lhe o nome e empilhar-se em cima dele numa confusão de risos. Ele dividia com as crianças as duas refeições diárias de *dal bhat* (lentilhas com arroz) e as via lambem os pratos de metal. Quando havia um pouco de frango, as crianças devoravam até os

ossos. Grennan nunca imaginara tanta fome.

Com o tempo, apegou-se mais a Mamita, menina de 5 anos que nunca sorria, e Dharma, o gênio de 10 anos que servia de intérprete. Havia também Hirazen, que roubava alegremente nas cartas, e Ganesh, o mais velho, cuja calma liderança aos 11 anos lhe garantiu o apelido de “Chefe”.

Grennan costumava falar às crianças sobre o mundo além do seu vale nas montanhas, descrevendo submarinos e aviões, e como os homens tinham andado na Lua. “Acho que até hoje não acreditam em mim”, diz ele. Quando perguntaram como era o oceano, Grennan levou-os até o terraço, no telhado, e apontou o horizonte.

– Quer dizer, água até aquela casa? – perguntaram.

– Não, mais longe – disse ele. – Água até onde conseguem ver, daqui até as montanhas e além delas, e muito mais funda do que a altura das montanhas.

Dali a alguns meses, Grennan estava pronto para voltar ao seu mundo. Prometeu às crianças que retornaria no ano seguinte. “Não diga isso”, repreenderam os outros adultos. Os voluntários sempre dizem isso, e as crianças nunca mais os veem.

“Eu voltarei”, insistiu Grennan.

Fiel à palavra, depois de dar a volta ao mundo Grennan voltou ao Pequenos Príncipes em janeiro de 2006, planejando ficar indefinidamente. Suas próprias economias e doações modestas da família e dos amigos o sustentavam. Um dos países mais pobres do mundo,

o Nepal tem renda média anual por pessoa de apenas 290 dólares. “Minha mochila custou quase isso”, diz Grennan, balançando a cabeça.

Embora a vida no Pequenos Príncipes fosse mais fácil do que nas aldeias rurais atingidas pela seca e devastadas pela guerra, ninguém tinha aquecimento interno. Não nevava no vale, mas a temperatura costumava cair a zero grau, e às vezes os ventos que vinham das altas montanhas eram violentos. As crianças usavam camadas de roupas e se amontoavam na cama. Grennan tremia dentro do saco de dormir. As crianças usavam gorros de lã o tempo todo.

Certo dia, Grennan avistou a pequena Mamita, ainda silenciosa, meses depois de chegar ao Pequenos Príncipes. Os olhos escuros fitavam-no, sombrios. Ele então pegou a ponta do gorro de lã dela e puxou-a para baixo, fazendo ao mesmo tempo o ruído de um mergulho. Para sua surpresa, a menininha deu uma gargalhada e saiu correndo, olhando alegre por sobre o ombro.

PEGAR UM TRAFICANTE

Enquanto a guerra se arrastava, o Pequenos Príncipes lotou. Ainda assim, quando Grennan e os outros voluntários souberam que um famoso traficante mantinha sete crianças presas num barraco numa das ruas principais de Katmandu, foram investigar.

Lá dentro, o cômodo era pequeno, escuro e sem janelas. Tinham enfiado jornais nas rachaduras da parede para

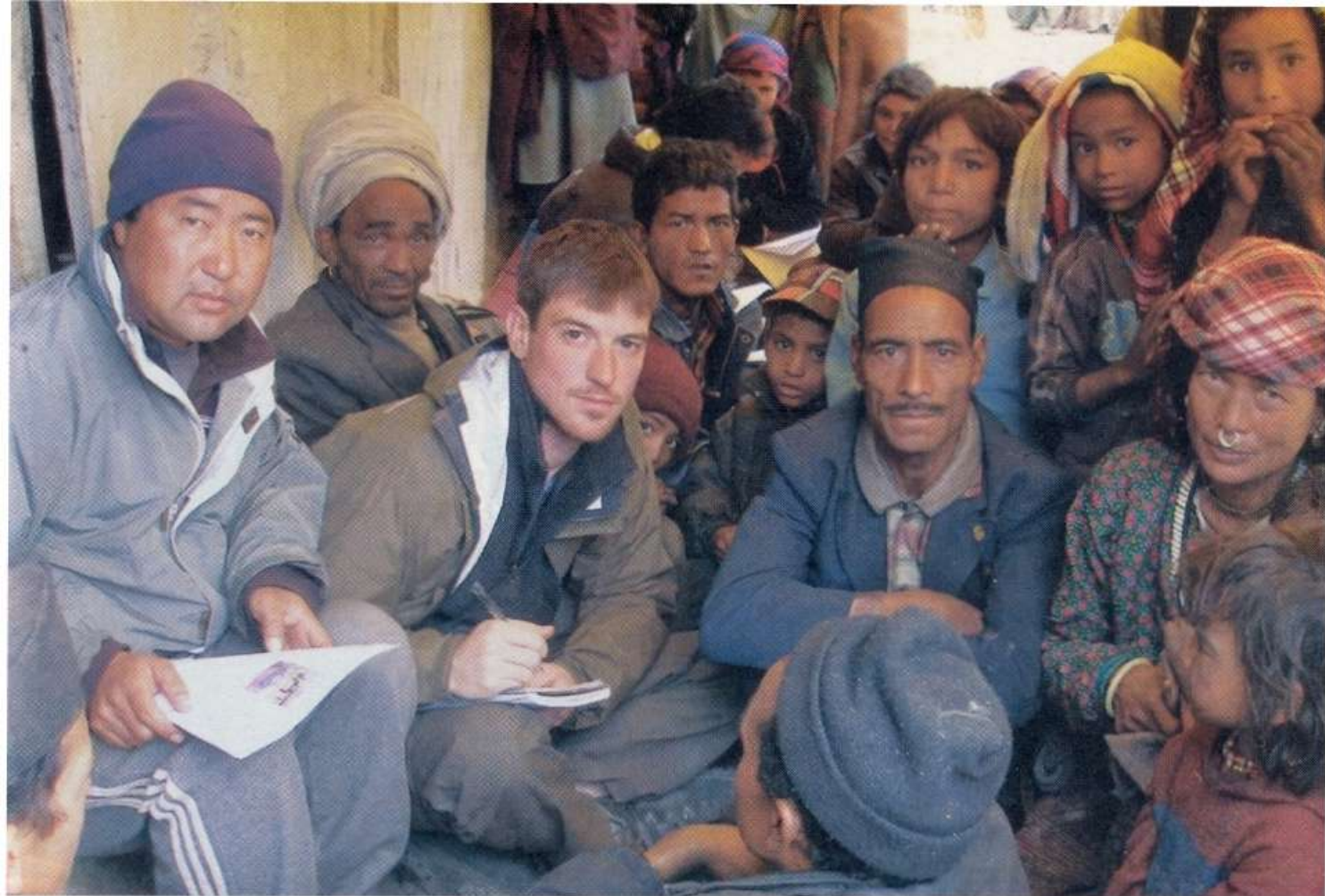
proteger do frio. As crianças se achavam sentadas no chão, em silêncio, fracas demais até para brincar; estavam sujas, descalças e desnutridas. Nas semanas seguintes, Grennan ou outro voluntário do Pequenos Príncipes fez, duas vezes por semana, a viagem de ônibus de uma hora, ida e volta, até o barraco, para levar arroz. Grennan diz que as crianças “nunca disseram nada”.

A equipe do Pequenos Príncipes tentou convencer o traficante a entregá-las, mas ele se recusou. Contratadas como trabalhadoras, as crianças poderiam lhe render dinheiro durante anos. Quando Grennan e os colegas pediram às entidades de bem-estar infantil que interviessem, souberam que, como o traficante apresentara documentos comprovando a guarda das crianças (embora provavelmente fossem falsos), tudo o que podiam fazer era abrir contra ele um processo por negligência. E isso levaria tempo.

Mas o tempo acabou. De suas bases nas montanhas, os rebeldes maoístas tomaram a capital em abril de 2006, e Grennan e outros ocidentais foram obrigados a fugir. Quando, dali a cinco meses, partiu dos Estados Unidos e voltou ao Nepal, todos estavam em segurança no Pequenos Príncipes. Mas as sete crianças em poder do traficante tinham sumido no torvelinho, como Grennan temia. Ele se sentiu meio responsável. “Tinha de encontrá-las”, diz.

Juntando as informações que conseguiu com diversas fontes na rede do

Ele fez vigília à cabeceira do leito hospitalar



A aldeia inteira se reúne para agradecer a Grennan, que, com a ajuda de um intérprete, entrevistava os pais a respeito das crianças que haviam perdido o contato com eles.

tráfico, Grennan soube que as crianças tinham sido separadas. Mas não sabia se estavam morando na rua, se tinham sido vendidas como escravas ou se estavam presas em outro lugar. Ele pressionou os funcionários dos órgãos de bem-estar infantil, e um deles, mais solidário, o avisava sempre que havia novas pistas.

Juntos, encontraram a única menina do grupo numa aldeia próxima, desgredada, os olhos vazios, carregando pesados potes de água num caminho de terra. Depois, Grennan achou um menino de 6 anos que passara 12 horas por dia lavando pratos num hotel. Dois outros meninos foram encontrados quase mortos na rua, e levaram dias

para se recuperar da desnutrição no hospital, onde Grennan ficou de vigília à cabeceira, pingando água na boca de um deles. Passaram-se três meses até que reunisse os sete.

NAS MONTANHAS

Quando a luta cedeu nas montanhas, o Pequenos Príncipes e outros orfanatos estavam lotadíssimos. Grennan e Farid Ait-Mansour, jovem colega francês do Pequenos Príncipes, perceberam que só havia uma opção se queriam ajudar as dezenas de crianças que ainda precisavam de um lugar: abrir seu próprio lar infantil. Porém fariam mais do que oferecer um porto seguro para as sete crianças que tinham

pingando água na boca de um dos meninos.

**Uma mãe nepalesa chora
depois de Grennan dar
notícias de sua filha.**

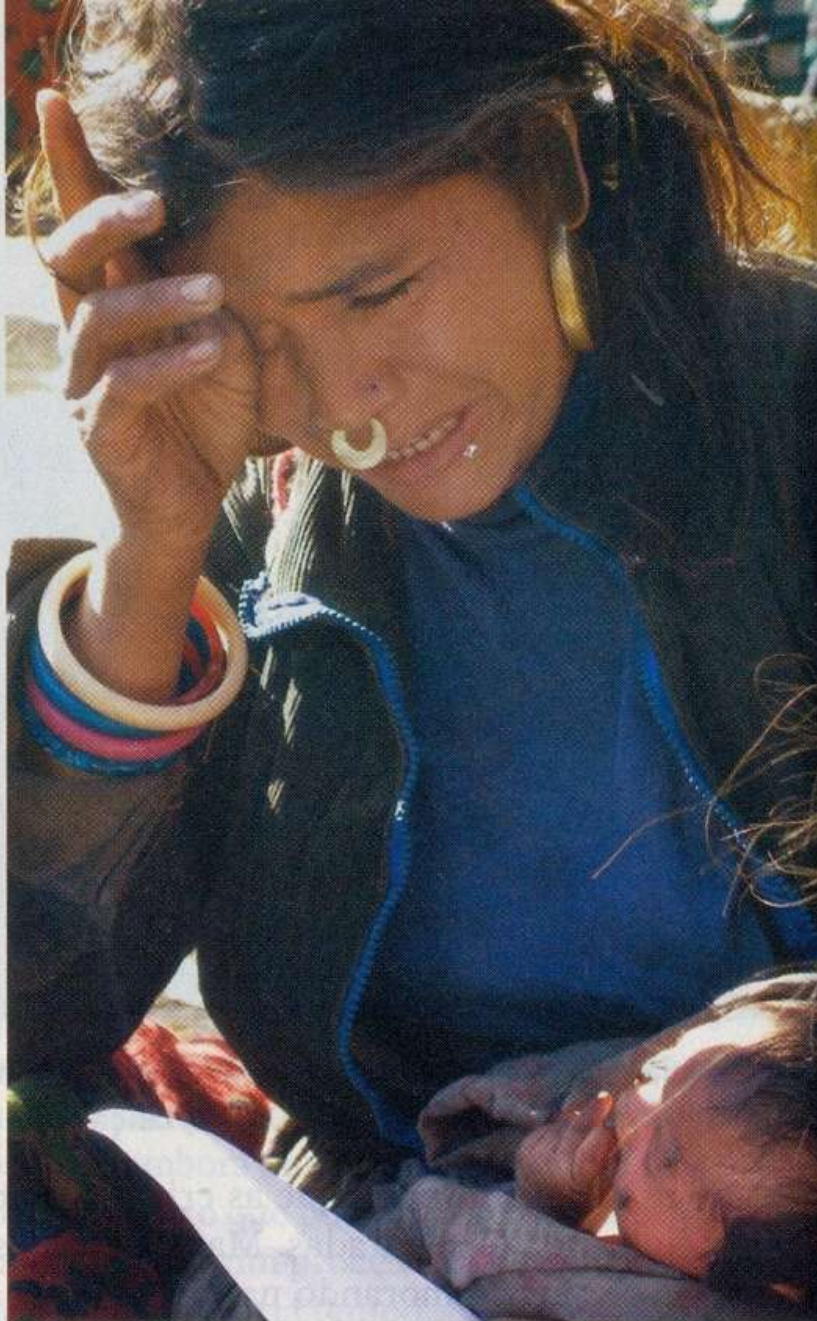
resgatado. Os dois rapazes queriam ir além, até as montanhas, e começar a devolver as crianças às famílias.

Assim, no fim daquele mês, depois de embalar o equipamento de caminhada e uma pasta com nome e fotografias de 24 crianças que moravam no Pequenos Príncipes, Grennan pegou um voo assustador num monomotor até a solitária pista de pouso na distante região de Humla, no noroeste do país, onde elas tinham nascido.

“Humla é a parte mais remota do país e uma das mais pobres”, diz Grennan. “Não há estradas, e os guerrilheiros explodiram todas as pontes. Era preciso cruzar o rio em cordas, com gente dos dois lados nos puxando.”

Nessa região, “caminhar” queria dizer “escalar para cima e para baixo” os picos escarpados e colar-se à parede dos penhascos quando um rebanho de ovelhas ou búfalos viesse a toda por uma curva.

Grennan contratou um intérprete e dois carregadores locais para transportar sacos de arroz e suprimentos, e partiu levando apenas um tosco mapa para guiá-lo até a primeira aldeia, chamada Ripa. “Achei que estava



em boa forma”, lembra. Mas em poucas horas a tendinite do joelho atacou e ele começou a mancar. Os quatro homens seguiram o rio durante dois dias até chegar ao primeiro povoado. “Tudo era construído em encostas íngremes. A paisagem, estranhíssima e incrivelmente linda”, diz Grennan. “Todo mundo saiu para me olhar.” Ele entregou aos idosos da aldeia o nome das famílias que procurava. Os primeiros pais a chegar trouxeram um saco de nozes e mel para dar ao estranho que tinha notícias do filho.

Um pai viu o próprio atestado de óbito

“Logo que os vi, soube estar diante dos pais de Dharma, porque eram a cara dele”, diz Grennan. Ainda assim, agiu com cautela. Vocês têm um filho? Qual o nome dele? Com quem o mandaram embora? Quando ele partiu? Só então Grennan mostrou a foto do menino de 10 anos que os pais tinham entregue quando ele tinha 5. “Os dois derramaram um milhão de lágrimas.”

Ele lhes deu a carta que Dharma escrevera, dizendo que sentia saudades e que estudava muito. Viu a mãe em prantos beijar a fotografia e apertá-la junto à testa como um objeto sagrado.

Nas três semanas seguintes, a cena emocionante se repetiu, aldeia após aldeia, até que Grennan chegou à última criança. Agora com 15 anos, o menino fora entregue aos traficantes com 5, e a ficha dizia que a mãe viúva o abandonara. Grennan esperava achar pelo menos algum parente. Ao chegar à aldeia, espantou-se ao ser apresentado ao pai do menino, que, chocado, leu seu próprio atestado de óbito, forjado pelo traficante para provar que cuidava de um “órfão”.

Grennan descobriu que muitas famílias eram pobres demais para alimentar mais uma criança e tinham esperança de que os filhos pudessem morar e estudar em Katmandu. Ele se ofereceu para reembolsar todas as famílias que quisessem visitar o novo orfanato, chamado Casa Dhaulagiri, nome de uma das sete montanhas mais altas do mundo. De repente, aquelas crianças eram responsabilidade toda sua.

O CAMINHO DE VOLTA

Grennan encheu a câmera digital de fotografias das famílias de Humla, embalou cuidadosamente as cartas aos filhos e partiu na árdua caminhada de volta à pista de pouso. Estava animado com o sucesso que tivera, mas preocupado com as nuvens acima dos picos distantes. “Era a neve chegar e acabou-se”, diz. A tendinite do joelho só piorava, e ele ficou ainda mais fraco depois de uma intoxicação alimentar.

Numa das primeiras noites, Grennan e a equipe pararam num ex-ponto de encontro de maoístas. Estavam dormindo no chão de terra quando foram despertados por vozes. Os guias nepaleses logo identificaram os donos das vozes como soldados maoístas. Grennan pensou depressa e agarrou todas as lanternas do grupo. “Seguramos uma lanterna em cada mão e abrimos os braços”, recorda ele, para dar a ilusão de que a cabana era habitada por seis pessoas, em vez de três. Os soldados pararam, mas seguiram em frente.

Outro encontro ocasional foi mais auspicioso: um voluntário do World Food Programme (WFP), programa mundial de alimentação da ONU, disse a Grennan que um helicóptero viria buscá-lo e que lhe daria carona. Só tinha de chegar a um platô no alto de um morro no dia seguinte. Contento, Grennan pagou os carregadores e distribuiu o arroz que sobrara. Deixou os pensamentos se afastarem até às visitas que o esperavam para passar o Natal com ele em Katmandu. Uma delas era

que um dos traficantes havia falsificado.

Liz Flanagan, outra voluntária americana que vinha de um orfanato na Índia para passar algumas semanas com as crianças do Pequenos Príncipes.

Nos quatro dias seguintes, Grennan ficou 12 horas por dia sentado no platô, mas o helicóptero não apareceu. No quinto dia, finalmente encarou a verdade: ou passava o inverno todo ali ou ia embora a pé.

Seu novo amigo do WFP insistiu que ficasse, e os velhos da aldeia também tentaram dissuadi-lo de partir. Como não conseguiram, ajudaram-no a planejar a rota e a encontrar dois carregadores. Ele deixou o restante da comida, exceto um saquinho de laranjas, com o colega abandonado.

Naquela primeira noite de caminhada, Grennan deu aos novos carregadores o nome da aldeia que visitara no início da viagem; imaginou que poderia bater de porta em porta até encontrar lugar para dormir. Às nove da noite, os carregadores pararam numa cabaninha junto à beira do rio.

- A aldeia não é essa - protestou Grennan.

- A aldeia é essa - insistiram.

Olhando para cima, Grennan viu o aglomerado de cabanas que, pelo que lembrava, ficava instalado muito mais alto na encosta seguinte. Seriam necessárias mais duas horas de caminhada com o joelho doendo para chegar lá. E ele sabia que os carregadores, cansados, não se moveriam.

"Então vimos aquelas lanternas descendo o caminho", recorda Grennan. Um grupo de voluntários europeus se aproximava. Tinham a chave da cabana

e, melhor ainda, panelas e comida. "Foi um milagre", maravilha-se ele até hoje, "terem chegado àquele lugar, naquela noite, naquele momento."

Depois de dormirem algumas horas, ele acordou os carregadores e partiram de novo antes da aurora. Quando o dia amanheceu, o céu estava límpido: um bom sinal. Quando a esfrangalhada equipe chegou à pista de pouso, tinham caminhado 27 horas em apenas dois dias.

Um voo acabara de chegar de Katmandu. Grennan avistou uma família nepalesa com um menino que se parecia com Dharma. O pai o viu olhando e se aproximou, sorridente. Foi quando Grennan percebeu tratar-se de um dos pais que encontrara em Ripa havia três semanas, no início da viagem. E o menino era Dharma. Os pais já o tinham resgatado!

"VAMOS CONTINUAR"

De volta a Katmandu, Grennan descarregou mais de 600 fotografias para mostrar às crianças. "Quando estão felizes, elas inspiram o ar e fazem um som profundo." Hipnotizadas, elas estudaram as fotos da família, dos novos irmãos, de riachos e clareiras prediletos onde costumavam brincar. Dormiram com as cartas que os pais lhes tinham mandado.

Grennan e Ait-Mansour conseguiram pôr em funcionamento a Casa Dhaulagiri. Grennan estimou que precisaria de apenas 750 dólares por ano para alimentar, abrigar, vestir e educar cada criança. Amigos nos Estados Unidos estavam ansiosos para ajudar e

mandaram 5 mil dólares obtidos num único evento para levantar recursos.

“As pessoas querem enviar lápis, cadernos e outras coisas, e deixamos”, diz Grennan, “mas a verdade é que a quantia gasta apenas com o correio compraria dez vezes mais no Nepal. Liz queria trazer presentes de Natal da primeira vez que veio e tive de lhe dizer: em primeiro lugar, são budistas; em segundo, precisamos gastar dinheiro com higiene, comida e educação. Não queremos que sejam tão diferentes assim das outras crianças.”

O primeiro encontro de Grennan e Liz, naquele Natal, deu certo: em março de 2008 os dois se casaram, e tiveram um filho em fevereiro deste ano. O casal voltou aos Estados Unidos para que Grennan pudesse frequentar a escola de Administração da Universidade de Nova York. Uma de suas metas é encontrar novas fontes de renda para a sua fundação, Next Generation Nepal, que sustenta o orfanato.

Desde a primeira viagem às montanhas há dois anos, Grennan e seus parceiros conseguiram fazer com que 125 crianças perdidas voltassem a ter contato com suas famílias; cerca de 20 voltaram para suas aldeias. Hoje, 26 crianças moram em Dhaulagiri e algumas mães foram contratadas como auxiliares ou faxineiras.

Antes de partir do Nepal em agosto do ano passado, Grennan fez outra caminhada de busca pelo sopé das montanhas, perto de Katmandu, e localizou mais famílias. De volta ao orfanato, chamou as crianças de lado, uma a uma, para dar notícias e mostrar fotos. Pela primeira vez, também tinha más notícias para uma menininha.

“Os seus pais não moram mais na aldeia”, disse-lhe. “Não sei se conseguirei encontrá-los.” E, pegando-a no colo quando ela chorou, Grennan disse a única coisa que sabia que podia realmente prometer:

“Vamos continuar procurando.”

PRESENTE CAPRICHADO

Na véspera de Natal, meu filho de 9 anos, David, deixou um pratinho de comida para o Papai Noel, com uma armadilha: uma garrafa de cerveja.

Na manhã seguinte, David acordou cedo e foi ver se a comida ainda estava lá fora. Entrou em nosso quarto emocionado:

– Papai Noel existe!!

Segurando a garrafa de cerveja, que estava pela metade, ele disse:

– Estão vendo? Existe mesmo Papai Noel, porque se ele fosse o papai, não teria desperdiçado a cerveja!

Karen Bellamy, EUA

